

**Título da ponência: O poder da intimidade: uma análise sobre a significação cultural do dinheiro em circuitos econômicos a partir dos estudos de Viviana Zelizer**

Procesos de producción del conocimiento: **Debate o discusión en teoría social**

Número y nombre del GT: **GT 27 “Sociología Económica”**

**RESUMO**

A problemática deste estudo questiona como as famílias organizam o dinheiro para que este não corrompa as relações afetivas. A base teórica parte da elaboração de Viviana Zelizer para quem a utilização do dinheiro é organizada em circuitos econômicos estruturados sobre relações íntimas. Assim, as pessoas envolvidas em uma relação operam o alinhamento entre a dimensão racional-instrumental do dinheiro e a proposição de significados com a finalidade do fortalecimento dos laços sociais. Com estes pressupostos este estudo procura: a) romper com a visão racionalizante e dualista de que o dinheiro corrompe as relações e; b) estabelecer que cada circuito mantém um conjunto de regras de aplicação que lhe são específicas, fazendo emergir formas específicas de confiança.

**Palavras-chave:** Dinheiro, intimidade, circuitos econômicos.

**RESUMEN**

El problema de este estudio se pregunta cómo las familias a organizar el dinero para que no se corrompa las relaciones. La base teórica del desarrollo de Viviana Zelizer para los que el uso del dinero está organizado en circuitos económicos estructurados en las relaciones íntimas. Por lo tanto, las personas involucradas en una relación operan la alineación entre la dimensión racional-instrumental del dinero y la propuesta significaba el fin de fortalecer los lazos sociales. Con estos supuestos este estudio pretende: a) romper la visión dualista y la racionalización que el dinero corrompe las relaciones y b) disponer que cada circuito tiene un conjunto de normas de aplicación que son específicos, dando lugar a formas específicas de confianza.

**Palabras claves:** Dinero, la intimidad, los circuitos económicos.

**CUERPO DE LA PONÊNCIA**

**1. Introdução**

Este estudo discute a tese de Zelizer de que a utilização do dinheiro é organizada em circuitos econômicos e isto permite sua significação. Para a socióloga existem “múltiplos dinheiros”, significados nestes ambientes pela combinação entre a lógica econômica, a intimidade e o sistema de valores, que estão na base da identificação do circuito. Ao propor o conceito de “mercados múltiplos” (2003, p. 128) a autora parte da análise do significado

social do dinheiro para opor-se à concepção racionalizante que aparece nos estudos de Simmel, Marx e Weber. A autora aponta um problema na tese de que a introdução da moeda e a utilização extensa do dinheiro contribuiu significativamente para a despersonalização da vida moderna. Para Zelizer as pessoas são comumente orientadas a diferenciar os tipos de transferências de dinheiro que são apropriadas para a definição do tipo de relacionamento em que estão inseridas. Para isto, valem-se de símbolos, rituais, práticas e formas de dinheiro mutuamente reconhecidas para sedimentar laços de confiança. Neste cenário, entram no jogo das relações econômicas aspectos da intimidade e ao invés de existir “o dinheiro de mercado” existem “dinheiros especiais” que podem funcionar como meio de troca, mas também como “classificador” social e sagrado em diferentes mercados, utilizado para adquirir ou melhorar o status, ou para celebrar rituais.

Neste sentido, a agenda de pesquisa deste estudo pretende analisar a eufemização do dinheiro, sua marcação, seus significados e fronteiras simbólicas, bem como os laços de confiança, identidade, controle e reciprocidade que alimenta. Quatro elementos estão em jogo neste processo: 1) as relações (acordos, práticas e obrigações); 2) as transações (interações limitadas em duas pessoas); 3) os meios de troca (sistema computáveis que recorrem a moedas simbólicas) e; 4) as linhas de partilhas (perímetros que delimitam as combinações singulares das relações, transações e meios).

## **2. A crítica ao *mainstream* da Sociologia econômica e o conceito de “mercados múltiplos”**

No interior da sociologia americana as pesquisas de Viviana Zelizer propõem uma alternativa ao conceito de enraizamento. Seus estudos procuram eliminar a dicotomia clássica que funda as ciências sociais e eliminar a oposição entre racionalidade e subjetividade, mercado e vida privada, razão e emoção, sociedade e economia, individualização e solidariedade. Uma das chaves para romper com o dualismo é colocar como objeto da análise não somente os mercados e as empresas (organizações), mas as transferências econômicas, as formas de produção, de consumo, distribuição, doações, trocas (Zelizer, 2010b, p. 378) buscando entender como ocorrem as práticas monetárias, aproximando mercados e empresas de abordagens sociais, culturais e afetivas.

A partir da noção de mercado como um tipo institucionalizado de relações sociais, envolvendo consumo, produção e trocas, a autora identifica três compreensões distintas do mercado na Sociologia Econômica Contemporânea: 1) o “revisão moral do mercado ilimitado” que faz uma crítica ideológica do poder destrutivo do mercado em relação aos aspectos sociais, morais e culturais da organização social e; 2) o modelo de “mercado subordinado” que advoga a tese dos constrangimentos culturais, estruturais e históricos do mercado e sua não autonomia está condicionado ao jogo de significados (alternativa cultural) e ao jogo de relações sociais (estrutura-social) e; 3) o modelo de “mercados múltiplos”, no qual se inscreve Zelizer, em que o mercado é entendido como um resultado da interação de fatores culturais, afetivos, estruturais e econômicos. (Zelizer, 1988, p. 618)

O cerne da crítica Zelizeriana tanto ao *mainstream* da Economia quanto da Sociologia Econômica está amparada nos conceitos de “esferas separadas”, “tudo ou nada” e “mundos hostis” (2005c, 2005d):

Os economistas frequentemente dicotomizaram o mundo em mercado e não-mercado, racional e pessoal, eficiente e sentimental, macho e fêmea. Estas teorias agradaram tanto os críticos como os defensores do capitalismo [...] enquanto para os críticos a racionalidade instrumental da revolução industrial retirou a solidariedade, os sentimentos e a intimidade dos mercados, para os seus defensores, a contaminação da esfera racional pela dimensão afetiva poderia gerar ineficiência [...] (2009a, p. 237).

Para Zelizer, a explicação da realidade social por uma dualidade demarcada por conceitos morais e políticos não contribui para análise da complexidade do real, pois o mercado, a racionalidade econômica e o interesse não ameaçam a intimidade, as relações de solidariedade e a confiança. As teorias de redes e do enraizamento (*embeddedness*) ficaram muito presas à análise do mercado e não conseguiram enxergar a importância dos valores extra pecuniários, reproduzindo dicotomias morais como *gemeinschaft versus gesellschaft* e mercado *versus* afetividade (2001, p. 123). Em outros termos, para essa teoria “os processos sociais fornecem apenas o “recipiente” da economia, enquanto que o conteúdo permaneceria identificado por sistemas racionais de troca da economia *standard*” (2010b, p. 380). Em resumo:

na sua visão normativa, a concepção de “mundos hostis” ergueu sólidas fronteiras morais entre o mercado e os domínios da intimidade. Nesta visão, há uma diferença fundamental entre relações íntimas e transações econômicas. Teríamos, de um lado, uma esfera de emoção e solidariedade e, do outro, uma esfera do cálculo e de busca pela eficiência. Deixada livre, cada esfera opera quase que automaticamente e com êxito. Além disso, essas duas esferas são hostis entre si, qualquer contato entre eles é uma fonte de poluição moral (2005b, p. 18-9).

Assim, nesta perspectiva, sentimentos produzem ineficiência nos mercados e organizações, ao passo que o cálculo e a racionalidade esvaziam o conteúdo da solidariedade<sup>1</sup>. O dinheiro, instrumento do cálculo é a expressão desta ameaça de corrupção e contaminação (Zelizer, 2005b, p. 18; Zelizer, 2009a, p. 238). Esta rivalidade inaugura uma interpretação dualista da economia em que o dinheiro é o artífice da sobreposição dos valores de mercado sobre os demais princípios da integração social.

Em outros termos, a vida econômica não destrói a integridade e os laços sociais. Neste sentido, a inovação analítica de Zelizer a coloca em uma “terceira via” da Sociologia Econômica na tentativa de superação deste hiato a partir da ideia de que “em todos os tipos de situações, das predominantemente íntimas às predominantemente impessoais, as pessoas diferenciam fortemente vários tipos de relações interpessoais, caracterizando-as com distintos nomes, símbolos, práticas e meios de troca” (2009a, p. 240). Nas palavras de De Blic e Lazarus (2007, p. 73), “os atores se apropriam e delimitam o dinheiro segundo

---

<sup>1</sup> Recorrendo constantemente aos estudos de Di Maggio (2005b, p. 19; 2011, p. 96) Zelizer mostra que o modelo burocrático weberiano vem sendo duramente atacado pela ineficiência no contexto organizacional contemporâneo.

fronteiras sociais e culturais que Zelizer define como ‘produção’ de moedas. [...] No espaço doméstico o dinheiro é misturado às relações sociais, aos valores religiosos ou políticos, até mesmo à intimidade” (2005b, p. 20).

Ao propor o conceito de “mercados múltiplos” (2003, p. 128), Zelizer parte da análise do significado social do dinheiro para opor-se à concepção racionalizante que aparece nos estudos de Simmel, Marx e Weber. Do ponto de vista da Sociologia Econômica, são cinco os pressupostos do modelo de “dinheiro de mercado” encontrada na literatura sobre o tema: 1) o dinheiro tem função estritamente econômica, atuando como principal ferramenta nas transações de mercado; 2) todos os tipos de dinheiro são semelhantes na idade moderna, uma vez que todos são utilizados como mercadoria universal de troca; 3) há uma clara distinção entre dinheiro e valores não pecuniários como valores pessoais, sociais e sagrados; 4) o dinheiro invade – e, muitas vezes, corrompe – as esferas da vida em um processo de mercantilização da vida social e; 5) o dinheiro está liberto de considerações éticas ou de significado, permitindo-lhe operar em diferentes ambientes sociais (Zelizer, 2003, p. 130).

A tese de Zelizer (2003, p. 136) é que ao invés de existir “o dinheiro de mercado” existam “dinheiros especiais” que podem funcionar como meio de troca, mas também como “classificador” social e sagrado em diferentes mercados, utilizado para adquirir ou melhorar o status, ou para celebrar rituais. Estes dinheiros especiais também estão amparados em cinco pressupostos: 1) ao passo que funciona como meio de troca, o dinheiro também existe fora do mercado e é profundamente moldado por fatores culturais e socioestruturais; 2) existe uma multiplicidade de dinheiros e todos eles são condicionados por uma realidade específica. O dinheiro de mercado sofre estas influências; 3) existem diferentes tipos de dinheiro, indivisíveis quanto à quantidade, não fungíveis, não portáteis, profundamente subjetivos e qualitativamente heterogêneos; 4) não há dicotomia entre valores utilitaristas e não pecuniários e; 5) a cultura e a estrutura social impõem os limites da utilização do dinheiro, isto é, fatores “extraeconômicos” constroem e moldam sua utilização: a) o dinheiro é usado para atividades específicas; b) pessoas específicas são designadas para operar o dinheiro e; c) há formas específicas de controle do dinheiro.

Zelizer se opõe à perspectiva Weberiana de compreensão do dinheiro somente pela sua função instrumental e pela sua capacidade de homogeneização. Para a autora, romper com o tradicionalismo não significa a possibilidade de conferir ao dinheiro um caráter neutro do ponto de vista cultural. Assim, este estudo incorpora a perspectiva de Zelizer que, mesmo partindo da concepção social da economia, renova a Sociologia do Dinheiro, procurando demonstrar que a moeda não é um “solvente” devastador e uniformizador que nivela as relações sociais por onde ele passa.” (2005b, p. 26). Em suma, o dinheiro não está isolado das relações não-econômicas porque ele mesmo está baseado em “redes sociais” particulares que fornecem o fundamento da significação social. (Zelizer, 2007).

Na esteira desta abordagem parte-se da ideia de que “toda relação social depende, para ser durável, da criação de suportes institucionais culturalmente significativos” (Zelizer, 2005b, p. 24). Neste viés, dois aspectos tornam-se relevantes para a análise da problemática deste estudo: primeiro, é necessário reconhecer as práticas monetárias como foco analítico da pesquisa social, associando-as com as relações sociais (Zelizer, 2006a, p. 133) e procurando compreender como as pessoas realizam trocas, transferências e doações de acordo com a percepção do tipo de relação que estabelecem. Para isto utilizam símbolos,

rituais, práticas e sistemas mais ou menos complexos para marcar e definir estas relações fazendo emergir, por consequência o universo da cultura e não o contrário (Zelizer, 2005a, p. 95; ZELIZER, 2005b, p. 22; 2006a). Em segundo lugar, as pessoas tomam muito cuidado para diferenciar estas práticas para evitar a desestruturação da relação: “as relações são tão importantes que as pessoas trabalham duro para combiná-las com formas apropriadas de atividade econômica e marcadores claros do caráter dessa relação” (Zelizer, 2009b, p. 142), o que os engaja na produção de laços sociais duradouros, configurados, demarcados e diferenciados de outras relações:

O objetivo não é, então, o de eliminar a intimidade das questões econômicas: o problema é criar combinações equitativas. Não se trata de se perguntar se o dinheiro corrompe ou não, mas, sobretudo, de analisar as combinações entre as atividades econômicas e as relações de *care* que dão lugar a situações mais felizes, mais justas e mais produtivas. Não é a combinação em si mesma que deve nos interessar, mas o modo como ela funciona. Se identificarmos mal as conexões causais, ocultaremos a origem das injustiças, dos danos e dos perigos (Zelizer, 2006a, p. 386).

A pesquisa de Zelizer procura mostrar que são as pessoas em relação que definem o que é aceitável e qual o sentido do dinheiro em cada relacionamento. E é a partir deste arranjo que são produzidos símbolos e erguidas as balizas sobre o que é correto ou incorreto em cada contexto. Assim, não é possível definir *a priori* se o dinheiro é o agente que deteriora a relação, pois sua significação é um resultado de expectativas de afetividade, racionalidade econômica e confiança mútua. Neste viés, a **confiança** torna-se o eixo analítico para entender as relações sociais. O que produz a confiança? Quais elementos afetivos interferem na organização do formato de determinadas práticas econômicas com vistas à produção de confiança?

Para entender a influência da intimidade na organização das transferências econômicas Zelizer propõe a noção de Circuito como o “percurso” do dinheiro entre a sua captação e aplicação/utilização pelos membros da família. Mas por que transações monetárias são objeto de análise? 1) porque deixam rastros em registros históricos; 2) porque dramatizam o conflito entre economia e intimidade; 3) porque geralmente os cientistas sociais consideram a monetização e a racionalização como extremamente ameaçadoras da afetividade (Zelizer, 2001). Nesse sentido a relação entre intimidade e economia passa a ter um duplo sentido: na ideia de pagamento pela intimidade (através da contratação de serviços de cuidado, sexuais, entre outros); e no sentido de “captação” de como “o domínio poderoso da intimidade afeta as formas pelas quais as pessoas organizam a vida” (Zelizer, 2011, p. 14) Analisar as transações realizadas com a utilização do dinheiro permite compreender com mais alcance a relação entre cultura, política e até mesmo intimidade, permitindo chegar aos elementos primários que explicam o sentido das relações sociais.

O conceito de “Circuitos Econômicos” é largamente utilizado por Zelizer (2002; 2005, 2010, 2010b) como ferramenta conceitual e metodológica para compreensão da realidade social.

Cada circuito distinto incorpora o entendimento um pouco diferente das práticas de informação, obrigações, direitos, símbolos e meios de troca. Eu chamo esses circuitos de comércio em um sentido antigo da palavra, onde o comércio significava conversação, intercâmbio, relações e modelagem mútua. Eles variam desde o mais íntimo ao mais impessoal das transações sociais (Zelizer, 2002, p. 4, 5).

Para Zelizer (2010, p. 315) as características dos circuitos podem ser resumidas em cinco pontos: 1) comportam diferentes relações sociais entre os indivíduos específicos; 2) permitem compartilhar as atividades econômicas realizadas por essas relações sociais, isto é “os laços entre os participantes têm o significado compartilhado”; 3) criam de sistemas de contabilidade comuns para avaliar o intercâmbio econômico, por exemplo, formas particulares de dinheiro; 4) compartilham os significados que as pessoas atribuem a suas atividades econômicas, isto é, “um conjunto distinto de transferência de bens, serviços ou reivindicações dentro de seus laços interpessoais” e; por fim, 5) estabelecem uma fronteira clara entre os membros do circuito não-membros, com algum controle sobre as transações que atravessam a fronteira. Para De Blic e Lazarus (2007, p. 10) os circuitos possuem limites mais ou menos precisos e algum tipo de controle sobre as transações que acontecem além das suas fronteiras. Para os autores, o conceito de circuito de Zelizer propõe que estas transações estão apoiadas sobre laços interpessoais que partilham significados e cada circuito econômico é um tipo de agenciamento entre a intimidade e economia de cada espaço da vida social.

## 2. O poder da identidade

O pressuposto deste estudo é que a unidade familiar apresenta-se como um circuito que tem como base a noção de intimidade e sobre esta condição os integrantes deste circuito elaboram o conteúdo simbólico que permite “boas combinações” entre a racionalidade instrumental e a intimidade com vistas à consolidação e estabilização das relações sociais.

Qual o significado dos conceitos de confiança e intimidade para Zelizer? Para definição de confiança, a autora cita de forma recorrente os estudos de Kennet Karst (1980), segundo o qual existem dois tipos de intimidade: 1) transferência de informações confidenciais e potencialmente “minadas”; 2) laços estreitos duráveis entre duas pessoas. É nesta intimidade, reciprocidade e confiança que ocorrem as transferências econômicas (Zelizer, 2011, p. 23). Por isso, torna-se importante a análise dos cruzamentos entre intimidade e economia nas relações sociais. Estes cruzamentos acontecem de duas maneiras: pela especificidade da relação (neste caso, agente de crédito e tomador) e pela adoção de práticas (formas de pagamento, rotinas, elaboração e monitoramento de aplicação dos recursos financeiros, etc.).

Com esta proposição de “cruzamentos”, as esferas (mundos) não perdem suas características, mas as interseções entre os mundos passam a ser espaço de análise. Isto é, ao invés de analisar interferência de uma esfera sobre outra, a análise social deve debruçar-se sobre como, no cotidiano, as pessoas articulam ambas<sup>2</sup>. Assim, a esfera da

---

<sup>2</sup> Neste ponto, Zelizer se afasta também da noção de Rede como ferramenta analítica para análise das relações sociais. Sua opção é pela etnografia econômica para compreensão da negociação de significado e de como os significados culturais são produzidos.

intimidade/afetividade passa ser introduzida na análise social e apresenta-se como elemento importante para compreensão da dinâmica social, uma vez que nas transferências econômicas as pessoas geralmente misturam questões de ordem íntima com a vida econômica e esta condição as obriga fazer “boas combinações”. Se laços sociais são atravessados pela intimidade, parece sensata a ideia de que sua preservação depende da combinação entre as alterações do contexto (como, por exemplo, a introdução de dinheiro na unidade doméstica) e as relações afetivas. “O trabalho relacional, portanto, compreende o estabelecimento de laços sociais privilegiados, sua preservação, reconfiguração e, às vezes, a sua dissolução” (2005b, p. 22).

Para definir intimidade, Zelizer cita o dicionário *Oxford English Dictionary* do qual retira duas acepções do conceito: 1) a) estado de ser pessoalmente íntimo, ter amizade ou disponibilizar de conhecimento, intercâmbio familiar ou familiaridade próxima; b) eufemismo da relação sexual e; c) proximidade de observação, conhecimento ou similar; 2) união ou vínculo íntimo próximo<sup>3</sup>.

As pessoas são comumente orientadas a diferenciar os tipos de transferências de dinheiro que são apropriadas para a definição do tipo de relacionamento em que estão inseridas. Para isto, valem-se de símbolos, rituais, práticas e formas de dinheiro mutuamente reconhecidas para sedimentar laços de confiança (Zelizer, 2005b, p. 26).

As relações íntimas repousam sobre a confiança. A face positiva é que ela supõe a aceitação de uma influência mútua face ao risco. Seu aspecto negativo é de proporcionar a cada um dos parceiros um conhecimento e uma consideração de outro que, se eles vierem a se confrontar, pode minar e afetar mutuamente o seu estatuto social. Sobre os dois aspectos, a confiança é seguidamente assimétrica [...] mas a verdadeira intimidade implica em um grau mínimo de reciprocidade na confiança (Zelizer, 2005b, p. 18).

Quatro elementos estão em jogo neste processo: 1) as relações (acordos, práticas e obrigações); 2) as transações (interações limitadas em duas pessoas); 3) os meios de troca (sistema computáveis que recorrem a moedas simbólicas) e; 4) as linhas de partilhas (perímetros que delimitam as combinações singulares das relações, transações e meios).

As transações íntimas funcionam pelo aspecto das ligações diferenciadas pelos quais os participantes se distinguem uns dos outros através de práticas, modos de compreensão e representação bem estabelecidos. Longe de determinar a natureza das relações interpessoais, os canais de troca (também as moedas) integrados a estes circuitos de maneira particular com as formas de compreensão, as práticas, informações, obrigações, direitos, símbolos e fraseologias inscritas nestes circuitos (Zelizer, 2001, p. 124).

Na obra *Purchase of Intimacy* (2005) Zelizer adota do conceito de intimidade relacionando-o ao tema do conhecimento, isto é, as informações e a produção de confiança que os envolvidos em uma relação dispõem entre si, enfatizando o compartilhamento de

---

<sup>3</sup> Na versão escolar do referido dicionário o termo designa apenas “direito à privacidade”.

segredos, o desenvolvimento de rituais interpessoais, o acesso a informações corporais e a consciência da vulnerabilidade pessoal quando se estabelece uma relação de confiança.

A partir deste pano de fundo, Zelizer analisa a principal ferramenta de desenvolvimento do capitalismo ocidental: o dinheiro. Longe de ser um solvente devastador, estandarizante e universal das relações sociais (Zelizer, 2005b, p. 26), o dinheiro é frequentemente marcado pelo conteúdo da intimidade e da cultura. As conclusões da autora advogam que nas práticas sociais é possível perceber que: 1) o dinheiro corrompe a intimidade; 2) também não se sustenta a tese de que a intimidade pode funcionar como uma mercadoria, expressa pela teoria do “comércio por toda parte”; 3) a intersecção (cruzamentos) entre dinheiro e intimidade não está isenta de conflitos; 4) na vida cotidiana as pessoas realizam boas combinações e; 5) circuitos econômicos “produzem moedas” (Zelizer, 2011, p. 34) e oferecem facilidades para elaboração de símbolos que consolidam essas relações.

Este estudo propõe que existem graus distintos de confiança, bem como sua diferenciação com a racionalidade, mas o foco analítico é buscar compreender como se produz a intimidade a partir do acesso a informações financeiras e sociais dos tomadores de crédito. Assim, relações de intimidade são diferenciadas entre a sua variedade (das mais próximas às mais impessoais) e pelo grau de amplitude (até onde se sabe sobre o outro). E para aprofundar a relação entre economia e intimidade é fundamental definir os conceitos de circuitos econômicos, intimidade e família. O dinheiro é um meio e sua circulação é organizada em circuitos onde os atores, em relação, arranjam e significam sua utilização. Ele introduz uma nova ordem, mas esta não está livre de constrangimentos. O trabalho relacional desenvolvido pelos mediadores é a sua significação do dinheiro através da produção de símbolos nestes circuitos e, além disso, seus objetivos visam articular a intimidade mostrando que as duas esferas se cruzam, enquanto as relações sociais estabelecem acordos, símbolos como resultados culturais.

### 3. Conclusão

O primeiro aspecto conclusivo deste estudo é de que a análise social deve reconhecer que no cotidiano das relações as pessoas misturam as diferentes esferas da vida valendo-se de duas estratégias: a) definem o tipo de relação (pais e filhos, professor e aluno) e, em seguida, b) adotam práticas, rituais e símbolos a que ajustam a intimidade com a racionalidade econômica. Seguindo nesta linha raciocínio, as “boas combinações” produzem a confiança, a solidariedade e a reciprocidade necessárias para a duração e amplitude da relação<sup>4</sup>. Elas não criam um minimercado e muito menos se deslocam para “fora do mercado”. Antes disto, elas marcam, definem e organizam a intensidade da utilização do dinheiro, estabelecendo mutuamente seus objetivos, função, utilização e controle. Para isto, três características definem uma boa combinação: 1) as transações econômicas correntes são diferenciadas de outras com as quais podem ser confundidas, o que danificaria e comprometeria a relação. Por exemplo, a diferença entre o pagamento em dinheiro a uma prostituta e o presente ocasional a uma amante; 2) há um reconhecimento

---

<sup>4</sup> Zelizer define quatro tipos de relações de intimidade: limitada ou ampla, durável ou passageira (2009b, p. 144). Este tema será desenvolvido no segundo capítulo.



mútuo sobre o modelo/tipo de relação que será adotada por ambos, expressa em acordos bem definidos. Por exemplo, namorados, ao planejar uma viagem de férias, mesmo que cada um tenha condições de arcar com as despesas sozinho, dividem as responsabilidades nomeando quem pagará o hotel, o restaurante, as passagens e etc.; por fim, 3) “boas combinações” delimitam bem o papel cumprido por um terceiro. Por exemplo, na organização de um casamento, define-se quem pagará as despesas com o jantar, com o aluguel do espaço para a festa.

Desta forma, “boas combinações” dependem dos estoques de significados, marcadores sociais e práticas existentes em cada contexto e que são acessadas pelos envolvidos na relação. O compartilhamento deste significado estabilizará a relação fazendo com que a intimidade e as transações econômicas gerem e fortaleçam laços de confiança e solidariedade. A atribuição de sentido é, portanto, o “elo” entre a dimensão específica da racionalidade econômica instrumental - nestes termos, o lucro, a apropriação individual e êxito financeiro - com a moralidade das transações comerciais em ambientes sociais (circuitos econômicos). Em outros termos, significa dar peso ao poder da intimidade, destacando a sua capacidade de definir/enquadrar o significado do dinheiro, isto é, o dinheiro modifica as relações de intimidade, enquanto estas também definem sua utilização e significado.

Entre as lacunas desta análise, e que permite estabelecer agendas de pesquisa futuras, está a opção em não abordar o tema do conflito como tema central. De fato, Zelizer rompe com a tese central da tradição da Sociologia Econômica de que moedas, relações sociais, transações econômicas e intimidade coexistem sem se opor ou se corromper, tornando o espaço social no *locus* onde acontece uma reinterpretação ativa e criativa deste *media* da mercantilização. No entanto, ela evita as consequências políticas desta posição. Embora tenha problematizado as relações políticas, este estudo não teve como foco o tema do conflito do interior do Circuito. Não se trata de não reconhecê-lo, mas o objetivo foi demonstrar como as pessoas ajustam e estabilizam suas relações a partir da utilização extensa do dinheiro. Desta forma, acredita-se que este estudo oferece um ponto de partida para o aprofundamento de uma interessante agenda de pesquisa para analisar relações arruinadas pelo dinheiro ou arranjos não exitosos entre dinheiro e intimidade, como inadimplência, endividamento e quebra de contrato. Com isto, poder-se-ia ampliar a compreensão sobre a complexa relação entre intimidade e transações econômicas.

A ideia das relações estáveis e amplas a partir da articulação entre a racionalidade instrumental do cálculo e laços de afetividade, não pode ensejar ausência de conflito, controle e desigualdades políticas entre os membros. Mesmo que este “arranjo” explique, em parte, o desenvolvimento de uma organização, sua perspectiva não pode deixar de contemplar as dificuldades e impossibilidades cotidianas que envolvem o ajuste entre novas oportunidades econômicas e a manutenção dos laços sociais.

#### 4. Bibliografias

ABRAMOVAY, Ricardo (2004). Entre Deus e o diabo: mercado e interação humana nas ciências sociais. *Tempo Social - Revista de Sociologia da USP*. São Paulo, Vol. 16, nº 2.

NEVEU, Érik. *Sociologie des mouvements sociaux*. 4ª ed. Paris: La Découverte, 2005.

- OXFORD ENGLISH DICTIONARY (2007). New York: Oxford University Press.
- STEINER, Philippe (2006). *A Sociologia Econômica*. Atlas.
- WEBER, Max (1968). *História Geral da Economia*. São Paulo: Editora Mestre Jou.
- \_\_\_ (2000). *Economia e sociedade*. V. 1. Brasília: UnB, 2000.
- \_\_\_ (2000). *Economia e sociedade*. V. 2. Brasília: UnB, 2000.
- ZELIZER, Viviana (1988). Beyond the Polemics on the Market: Establishing a Theoretical and Empirical Agenda. *Sociological Forum*, Vol. 3, No. 4, pp. 614-634.
- \_\_\_ (1992). Repenser le marche. La construction sociale du marché aux enfants », *Actes de la recherche en sciences sociales*, n° 94, p. 3-26.
- \_\_\_ (2005). *La signification social de l'argent*. Trad. Christian Cler. Paris: Seuil.
- \_\_\_ (2001). Transactions intimes, *Genèses*, Volume 1, n° 42, mars, p. 121-44.
- \_\_\_ (2001). Sociology of Money. In Neil J. Smelser and Paul B. Baltes, editors, *International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences* 15: 9991-4. Amsterdam: Elsevier.
- \_\_\_ (2002). La construction des circuits de commerce: notes sur l'importance des circuits personnels et impersonnels. In Jean-Michel Servet & Isabelle Guérin, *Exclusion et Liens Financiers*, Rapport du Centre Walras, *Economica*, p. 425-429.
- \_\_\_ (2003). O significado social do dinheiro – Dinheiros especiais, In MARQUES, R.; PEIXOTO. *Os trilhos da sociologia econômica*. Portugal: Editora Celta.
- \_\_\_ (2005a). Argent, circuits, relations intimes. *Enfances, Familles, Générations*, no 2, p. 93-113.
- \_\_\_ (2005b). Intimité et économie. *Terrain*, vol 45, pp. 13-28.
- \_\_\_ (2005c). Circuits within capitalism. In: NEE, Victor & SWEDBERG, Richard (eds.), *The economic sociology of capitalism*. Princeton: Princeton University Press. pp. 289-322.
- \_\_\_ (2005d). *The purchase of intimacy*. Princeton, N.J.: Princeton University Press.
- \_\_\_ (2006a). L'argent social. Entretien avec Florence Weber. *Genesis*, n° 65, pp. 126-137.
- \_\_\_ (2006b). Place à la Culture. *Interventions économiques*, n° 01, Vol. 33.
- \_\_\_ (2007). Monétisation et vie sociale. *Le Portique*, n° 19, p. 2-11.
- \_\_\_ (2008). La rémunération des services d'aide à la personne. *Retraites et sociétés*, 53:14-19.
- \_\_\_ (2009a). Dualidades perigosas. *Mana*. Vol.15, n.1, p. 237-256.
- \_\_\_ (2009b). Dinheiro, poder e sexo. *Cadernos Pagu* [online]. N.32, p. 135-157.
- \_\_\_ (2009c). *La Negociacion de La Intimidación*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica.
- \_\_\_ (2010a). Circuits in economics life. In *Economics Lives*. New York: Princeton University Press.
- \_\_\_ (2010b). A economia do Care. *Civitas - Revista de Ciências Sociais*, Vol. 10, n° 03, p. 376-391.
- \_\_\_ (2011). *A negociação da intimidade*. Trad. Daniela B. Henriques. Rio de Janeiro: Vozes.